

Sabe mesmo em quem pode confiar?

# VERDADE ESCONDIDA

«Mary Kubica é mestre  
na arte do suspense  
e líder deste género literário.»

*Kirkus Reviews*

# MARY KUBICA

Autora bestseller de *Não Digas Nada*  
e *Vidas Roubadas*

TOP  
SEL  
LER

*Para o Pete*

DOMINGO

## QUINN

Agora que penso melhor, deveria ter percebido logo que algo estava errado. O rangido a meio da noite, a janela aberta, a cama vazia. Mais tarde, arranjei mil desculpas para a minha incúria, desde dores de cabeça, passando por cansaço, até uma absoluta imbecilidade.

Mesmo assim, deveria ter percebido que alguma coisa não estava bem.

\*\*\*

Acordo com o despertador. O despertador da Esther, aos berros, duas portas ao lado.

— Desliga isso — resmungo, enquanto meto a cabeça debaixo do travesseiro. Ponho-me de bruços e enfio-me debaixo de outro travesseiro e dos cobertores para abafar o barulho.

Não adianta. Continuo a ouvi-lo.

— Que raios, Esther — expludo, afastando com os pés os cobertores para o fundo da cama e levantando-me. Ao meu lado, há um alvoroço de queixumes, olhos semicerrados às apalpadelas em busca do cobertor, um suspiro de exasperação. Sinto já o sabor do álcool da noite anterior a devorar-me as entranhas, uma

bebida chamada sangria de mirtilo, e um *bourbon sour*, e um *Tokyo iced tea*. Tenho a cabeça a andar à roda como se num carrossel, e lembro-me subitamente de ter andado a rodopiar numa pista de dança manhosa com um fulano chamado Aaron ou Darren — ou seria Landon ou Brandon? O mesmo sujeito que pediu para partilhar o táxi comigo de regresso a casa, aquele que ainda está deitado na minha cama, a quem dou um empurrão e digo que tem de ir embora, arrancando-lhe o cobertor das mãos. — A pessoa com quem partilho a casa acordou — digo, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. — Tens de ir embora.

— Tens colegas de casa? — pergunta, sentando-se na cama, ainda atordoado pela sonolência. Esfrega os olhos, e é então que consigo ver, sob a luz difusa de um candeeiro de rua que entra pela janela e ilumina a cama com os lençóis amarrotados: tem o dobro da minha idade. O cabelo, que me parecia castanho sob a ténue iluminação do bar (e sob a influência de uma generosa dose de álcool), tem agora a tonalidade do estanho. Aquilo que me parecia acne não o é, afinal; são as marcas do tempo. Rugas.

— Que raios, Esther — repito murmurando, pois sei que a velhota do andar de baixo, a Sra. Budny, não tarda nada, estará a bater no teto com o cabo de uma esfregona para acabar com a algazarra. — Tens de ir embora — repito, e ele vai.

Sigo o barulho até ao quarto da Esther. O despertador berra um fretenir que mais parece uma cigarra. Vou a resmungar pelo caminho, com uma mão a seguir a superfície da parede para me orientar pelo corredor, que está na penumbra. O sol só nasce daqui a uma hora. Ainda não são 6 da madrugada, e o despertador da Esther já está a gritar com ela, como acontece todos os domingos. São horas de ir à igreja. Desde que me lembro que a Esther, com a sua voz melodiosa e aveludada, canta no coro da igreja católica de Catalpa todas as manhãs de domingo. Chamo-lhe Santa Esther.

Quando entro no quarto dela, a primeira coisa em que reparo é no frio. Entram rajadas do ar gélido do mês de novembro pela janela. Papéis empilhados na escrivaninha adejam ao vento

estridentemente, e só os impede de levantar voo um pesado manual escolar: *Introdução à Terapia Ocupacional*. O parapeito da janela está cheio de geada, a condensação escorre pela vidraça. A janela está aberta até cima. A rede mosquiteira foi retirada e propositadamente pousada no chão.

Debruço-me sobre a janela para ver se a Esther está na escada da saída de emergência, mas o mundo lá fora — no nosso pequeno quarteirão residencial de Chicago — está silencioso e na penumbra. Na rua, carros estacionados em fila, salpicados pelas folhas das árvores junto deles. A geada cobre os automóveis e a erva amareleta, que vai perdendo rapidamente a cor e em breve morrerá. Emanam colunas de fumo das chaminés das casas vizinhas, pairando no céu da manhã. Toda a Farragut Avenue está a dormir, menos eu.

A escada da saída de emergência está vazia; a Esther não está lá.

Afasto-me da janela e reparo nos cobertores dela estendidos no chão, um edredão cor de laranja claro e uma manta verde-água.

— Esther? — chamo enquanto atravesso o pequeno quarto, onde quase não cabe a cama de casal da Esther. Tropeço num monte de roupas espalhadas pelo chão e fico com os pés presos numas calças de ganga. — Toca a levantar — digo, ao bater com a mão no despertador para o desligar; em vez disso, acabo por ligar o rádio, e o quarto fica imerso numa cacofonia de ruídos e vozeares madrugadores sobrepondo-se ao zunido do aparelho. — Que raios — digo. E perco a paciência. — Esther!

Mal os meus olhos se habituam à escuridão, acabo por perceber: a Santa Esther não está no quarto.

Lá consigo apagar o despertador e acender a luz, franzindo o rosto à claridade que me faz doer a cabeça — efeitos secundários de uma noite de excessos. Dou mais uma vista de olhos para ter a certeza de que a presença da Esther não me escapou, espreitando debaixo da pilha de cobertores que estão no chão. É ridículo, bem sei, mesmo enquanto estou a investigar, mas verifico na mesma. Procuro no armário dela; inspeciono a casa de banho, a única que

temos, enquanto os meus olhos perscrutam a abundante coleção de cosméticos que partilhamos, lançados à sorte para dentro de uma caixa.

Mas não há sinal da Esther.

Tomar decisões acertadas não é o meu forte. Isso é com a Esther. Se calhar, é essa a razão para que eu não corra a chamar a polícia imediatamente, porque ela não está aqui para me dizer o que fazer. Com toda a franqueza, o meu primeiro pensamento não é que alguma coisa *tenha acontecido* à Esther. Nem sequer é o meu segundo, terceiro ou quarto pensamento, e assim deixo-me vencer pela ressaca, fecho a janela e regresso para a cama.

Quando volto a acordar, já passa das 10 da manhã. O sol vai alto, e a Farragut Avenue está apinhada de gente, que entra e sai dos cafés e padarias para tomar os pequenos-almoços, ou os almoços, ou seja lá o que for que as pessoas comam e bebam às 10 da manhã. Vestem blusões acolchoados e casacos de lã, levam as mãos enfiadas nos bolsos e têm chapéus nas cabeças. Não é preciso ser um génio para perceber que está frio.

Porém, sento-me no sofá cor das pétalas de rosas, na sala de estar do pequeno apartamento, à espera de que a Santa Esther chegue com um café de avelã e um *bagel*. Porque é o que ela costuma fazer todos os domingos depois de cantar no coro da igreja. Traz-me um café e um *bagel*, e sentamo-nos à mesa da pequena cozinha a comer, a conversar sobre os mais variados assuntos, das crianças que passaram a missa toda a chorar, até à partitura que o maestro do coro perdeu, até quaisquer frivolidades que eu tenha feito na noite anterior: beber demais, trazer para casa um fulano que mal conheço — um tipo qualquer que a Esther não chega a ver, que apenas ouve através das finas paredes do nosso apartamento.

Ontem à noite fui sair, mas a Esther não me acompanhou. Planeara ficar em casa a descansar. Disse-me que estava a chocar alguma, mas, agora que penso nisso, não reparei em quaisquer sintomas de doença, nem tosse, nem espirros, nem os olhos

húmidos. Ela estava no sofá, debaixo de um cobertor, com o seu confortável pijama de algodão vestido. «Anda comigo», supliquei-lhe eu. Tinha aberto um novo bar na Balmoral ao qual andávamos mortas por ir, um daqueles bares chiques, tipo lounge, de luz difusa, que só servem martínis.

«Anda comigo», supliquei-lhe, mas ela disse que não.

«Vou estragar o ambiente, Quinn», respondeu. «Vai sozinha. Divertes-te mais.»

«Queres que eu fique em casa contigo?», perguntei, embora não tenha passado de uma proposta vã. «Mandamos vir comida», disse, mas não me apetecia mandar vir comida. Ia estrear um *baby-doll* e sapatos de tacão alto, tinha o cabelo arranjado e maquilhagem no rosto. Até tinha feito a depilação; de forma alguma ficaria eu em casa. Mas, pelo menos ofereci-me.

A Esther disse que não, que fosse divertir-me.

E foi precisamente o que fiz. Fui sair sem ela e diverti-me. Só que não fui ao tal bar que serve martínis. Não, guardei esse sítio para ir noutro dia com a Esther. Em vez disso, acabei por ir a um bar de karaoke com reputação duvidosa, por beber demasiado e por levar um desconhecido para casa.

Quando cheguei a casa, estava a Esther na cama, com a porta fechada. Pelo menos, foi o que julguei.

Só que agora, sentada no sofá, considerando os recentes desenvolvimentos, não consigo deixar de pensar: *O que raio fez com que a Esther saísse pela janela que dá para as escadas de emergência sem deixar rasto?*

Dou voltas à cabeça, mas o meu pensamento acaba sempre na mesma ideia: uma imagem do *Romeu e Julieta*, na famosa cena da varanda, em que Julieta confessa o seu amor por Romeu na varanda da sua casa (que é mais ou menos a única coisa que recordo daquilo que aprendi no ensino secundário; isso e o facto de que uma esferográfica é a melhor arma para disparar bolas de cuspo).

Foi isso o que levou a Esther a sair pela janela a meio da noite: *um gajo?*



É claro que, no final da história, Romeu se envenena, e Julieta põe fim à própria vida com um punhal. Li o livro. Melhor ainda, vi o filme, aquela adaptação com Claire Danes e Leonardo DiCaprio na década de 1990. Sei como acaba, com Romeu a beber o veneno e com Julieta a dar um tiro na cabeça com a arma dele. Penso para com os meus botões: *Espero que a história da Esther tenha um final mais feliz do que a de Romeu e Julieta.*

Agora só me resta esperar, por isso fico sentada no pequeno sofá cor-de-rosa, a fitar a mesa da cozinha vazia, à espera de que a Esther regresse a casa, independentemente de ter passado a noite na cama ou de ter saído pela janela do 2.º piso do nosso prédio. Isso não interessa. Continuo de pijama — uma *sweatshirt* e calções de flanela, com um par de meias de lã a enfeitar-me os pés —, aguardando o meu café e o meu *bagel*. Só que hoje não há nada para ninguém, e a culpa de eu ficar sem pequeno-almoço e sem caféina é da Esther.

\*\*\*

Por volta do meio-dia, faço aquilo que qualquer adulto digno dessa condição faria: mando vir comida do Jimmy John's. A minha sanduíche Turkey Tom demora cerca de 45 minutos a chegar, período durante o qual me convenço de que o meu estômago começou ele próprio a digerir-se. Há umas boas 14 horas que não como nada; então com o excesso de álcool, estou convicta de que vou acabar com uma distensão gástrica, como aquelas crianças famintas que aparecem na televisão.

Estou sem energia. A morte espreita. Posso morrer.

É então que alguém toca à campainha no rés do chão, e eu levanto-me de um pulo. Comida! Vou receber à porta o rapaz das entregas do Jimmy John's e dou-lhe a gorjeta, uns míseros dólares que consegui encontrar num envelope com «Renda» escrito que a Esther enfiou numa gaveta da cozinha.

Como o almoço debruçada sobre uma mesinha de ferro industrial, e depois faço o que qualquer criatura com amor-próprio faria

em desaparecendo sem deixar rasto a pessoa com quem partilha a casa: bisbilhotar. Entro no quarto da Esther sem qualquer pingão de remorso, sem qualquer sentimento de culpa.

O quarto da Esther é o mais pequeno dos dois, pouco maior do que uma caixa de cartão grande. A cama de casal ocupa o espaço todo, de uma parede à outra, estas de acabamento áspero, quase sem deixar espaço para uma pessoa passar. É o que se pode arranjar com 1100 dólares por mês em Chicago: paredes ásperas e uma caixa de cartão.

Esgueiro-me para lá dos pés da cama, tropeçando no monte de roupa que ainda está no chão de madeira, todo riscado, e espreito pela janela para a escada de emergência, que consiste num amontoado de degraus e plataformas de grades de aço fixas à janela da Esther. Quando vim para cá morar, há alguns anos, brincámos com a situação de ela ter ficado com o quarto mais pequeno, embora, caso algum dia o edifício se incendiasse, viesse a ser a sobrevivente, graças à saída de emergência junto à sua janela. Eu não me importei. Continuo sem me importar, a sério, porque no meu quarto, além de uma cama, uma escrivaninha e uma cómoda, tenho um cadeirão. Além disso, nunca houve incêndio algum no prédio.

Mais uma vez, dou por mim a pensar que diabos levariam a Esther a sair pela janela a meio da noite. Qual é o problema da porta da frente? Não é que esteja preocupada, porque, a sério, não estou. Já não é a primeira vez que a Esther se mete pela escada de emergência. Costumávamos sentar-nos lá fora imensas vezes, a ver a lua e as estrelas, a beber cocktails, como se fosse uma varanda, com os pés a baloiçar sobre um repugnante beco de Chicago. Era uma *coisa nossa*, estarmos ali estendidas na desconfortável grade de aço daquela escada de emergência encardida, partilhando segredos e sonhos, sentindo o quadriculado da grelha a cravar-se na nossa pele até os nossos traseiros ficarem sem circulação.

Contudo, mesmo que aqui tenha estado na noite passada, a Esther certamente não está nas escadas de emergência neste momento.

Onde poderá estar?

Espreito para dentro do armário dela. Não encontro as suas botas preferidas, como se ela as tivesse calçado, aberto a janela e saído por lá com um propósito.

Sim, tento convencer-me disso. Foi precisamente o que aconteceu; é um pensamento que me tranquiliza com o pressuposto de que a Esther está bem. *Ela está bem*, digo aos meus botões.

Ainda assim... porquê?

Espreito pela janela, e a tarde está tranquila. A azáfama matinal em busca de café deu lugar à ressaca de cafeína; não se vê vivalma. Consigo imaginar metade dos habitantes de Chicago empoleirados à frente da televisão, a verem os Bears somarem mais uma extraordinária derrota.

É então que deixo a janela e começo a explorar o quarto da Esther. Deparo-me com um peixe sem comida no aquário. Um monte de roupa suja a transbordar de um cesto de plástico dentro do guarda-roupa. Calças de ganga apertadas. *Leggings*. *Jeggings*. Soutiens e roupa interior dignos de uma avozinha. Uma pilha de tops brancos, dobrados e cuidadosamente arrumados ao lado do cesto. Um frasco de ibuprofeno. Uma garrafa de água. Altas montanhas de livros da faculdade ao lado da escrivaninha de montagem rápida da IKEA, além do livro que está em cima da secretária, feito pisa-papéis. Agarro no puxador de uma gaveta da escrivaninha, mas não espreito lá para dentro. Seria de mau tom, muito pior do que passar os olhos pelas coisas que estão em cima da secretária: o computador portátil, o *iPod*, os auscultadores e muitas outras coisas.

Vejo uma fotografia da Esther comigo, tirada no ano passado, presa à parede com um pionés. Foi no Natal, quando nos pusemos diante o pinheiro artificial e tirámos uma selfie. Sorrio ao recordar o episódio, ao lembrar-me de que eu e a Esther tivemos de atravessar montes de neve para ir buscar aquela árvore. Na fotografia, eu e ela estamos bem juntinhas, com os ramos do pinheiro a picarem-nos as cabeças e as decorações a prenderem-se nas nossas roupas.

Estamos a rir, eu com um esgar complacente, a Esther com o seu sorriso extrovertido. O pinheiro é dela, e tem-no guardado numa arrecadação ao fundo da rua, um espaço minúsculo onde, por 60 dólares por mês, armazena velhas guitarras, um alaúde e tudo o mais que não consegue enfiar no seu exíguo quarto. A bicicleta. E, claro, o pinheiro.

Fomos juntas a esse espaço em dezembro passado na missão de encontrar esse pinheiro de Natal. Galgámos montanhas de neve, que acabara de cair, enfiando lá os pés como se de areia movediça se tratasse. Ainda estava a nevar, aqueles flocos que caíam do céu como enormes bolas de algodão, gordas e felpudas. Os automóveis que ladeavam as ruas da cidade estavam soterrados; só conseguiriam sair dali com meia dúzia de pás a ajudarem ou então quando o gelo derretesse. Metade da cidade estava fechada por causa do nevão, e as ruas permaneciam estranhamente silenciosas enquanto eu e a Esther abríamos caminho, entoando cânticos natalícios aos berros, porque não havia ninguém por perto para nos ouvir. Nesse dia, apenas os limpa-neves se atreveram a andar na rua, e mesmo esses derrapavam sem conseguirem manter a trajetória. Tanto o meu trabalho como o da Esther não tinham aberto.

E assim nos fomos arrastando até à arrecadação para procurar essa pequena árvore de plástico e arrastá-la para casa, para a quadra festiva. Parámos no corredor de betão do armazém para fazermos uma dança tresloucada diante a câmara de segurança, tomadas por um riso histérico. Imaginámos o funcionário (um sujeito estranho e introvertido) sentado à secretária da portaria a ver-nos a fazer uma dança irlandesa no ecrã. Rimos a bandeiras despregadas, e depois, quando finalmente parámos de rir, a Esther usou a chave do cadeado para abrir a porta. Começámos a vasculhar a unidade 203, enquanto eu dissertava sobre a ironia daquele número, dado que os meus pais viviam no número 203 da David Drive. «É o destino», disse a Esther, mas eu refutei-a e respondi que era antes uma coincidência parva.

Visto que o pinheiro fora desmontado e enfiado dentro de uma caixa, foi difícil encontrá-lo. Aquela arrecadação tinha muitas caixas. Mesmo muitas. E, pelos vistos, eu fui logo dar com uma que não devia ter encontrado, já que, ao abrir a tampa da caixa e deixar à vista um molho de fotografias de uma família feliz sentada junto de uma casa, e ao pegar numa e perguntar à Esther quem era, ela ma arrancou da mão e foi perentória a dizer que não era ninguém. Não consegui ver bem a imagem, mas pareceu-me ser alguém. Porém, não quis insistir no assunto. A Esther não gostava de falar da família. Isso sabia eu. Enquanto eu estava constantemente a resmungar e a queixar-me da minha, a Esther guardava para si os seus sentimentos.

Atirou a fotografia para dentro da caixa e voltou a fechá-la com a tampa.

Encontrámos a árvore e arrastámo-la juntas para casa, mas não sem antes pararmos no nosso restaurante preferido, do qual éramos praticamente as únicas clientes, e comermos panquecas e bebermos café a meio do dia. Vimos a neve a cair. Rimos das pessoas que tentavam atravessá-la ou desenterrar os carros de sob as pirâmides de neve. Quem tinha a felicidade de conseguir dessepultar o veículo reclamava o lugar de estacionamento, lá colocando os objetos que conseguisse encontrar, como baldes ou cadeiras, para que mais ninguém ali estacionasse. Por estas bandas, os lugares de estacionamento valem ouro, principalmente no inverno. Naquele dia, eu e a Esther sentámo-nos à janela do restaurante e percebemos isso. Vimos os nossos vizinhos a arrastarem cadeiras de dentro de casa para reivindicarem os lugares de estacionamento escavados à força, lugares que não tardariam a ficar novamente cobertos de neve, e demos graças por haver transportes públicos.

Então levámos a árvore para casa, onde passámos a noite a enfeitá-la com luzes e ornamentos e, quando acabámos, a Esther sentou-se de pernas à chinês no sofá cor-de-rosa e começou a tocar guitarra enquanto eu a acompanhava cantarolando o *Silent Night*

e o *Jingle Bells*. Isso foi no ano passado, no ano em que ela me ofereceu umas peúgas de lã para ter os pés quentinhos, já que no nosso apartamento eu tinha frio vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Quase nunca conseguia aquecer. Foi um presente simpático, um presente atencioso, que demonstrava que ela estivera atenta nas vezes sem conta em que eu me queixara de ter os pés frios. Olho para os meus pés, e lá estão elas: as peúgas de lã.

Mas onde está a Esther?

Continuo à procura, de quê não sei, mas encontro canetas e lapiseiras espalhadas pelo quarto. Um boneco de pelúcia dos seus tempos de criança, velho e desgastado, escondido numa prateleira de um armário sem conserto, cujas portas já nem deslizam pelas calhas. Caixas de sapatos cobrindo a base do armário. Espreito lá para dentro, e todos os pares me parecem discretos e sensaborões: tacões rasos, mocassins, sapatilhas.

Rigorosamente nada com tacão.

Rigorosamente nada de outra cor além de preto, branco ou castanho.

E um bilhete.

Um bilhete enfiado na parte de cima da escrivaninha da IKEA, na pilha de papéis que estão por baixo do manual de terapia ocupacional, entre uma fatura do telemóvel e uns trabalhos de casa.

Um bilhete por enviar, dobrado em três, como se ela, na iminência de o meter dentro de um envelope e levar para o correio, o tivesse depois esquecido.

Fecho a garrafa de água com a tampa; arrumo as canetas. Como é que nunca tinha percebido quão desorganizada é a Esther? Dá-me que pensar: *Que mais é que eu não saberei sobre a minha companheira de casa?*

E depois leio o bilhete, porque, claro, como é que eu poderia *deixar* de o ler? É um bilhete, repleto de sinais de assédio. Foi escrito à máquina, algo que seria de esperar da compulsão obsessiva

da Santa Esther, e despede-se com um «Muito amor», seguido de um «E» e um «V». «Muito amor, EV.» Esther Vaughan.

E é então que compreendo: talvez a Santa Esther não seja assim tão santa.

## ALEX

Quero deixar isto bem claro: não acredito em fantasmas.

Há explicações lógicas para todos os acontecimentos: algo tão simples como uma lâmpada mal apertada. Um interruptor avariado. Um problema elétrico.

Estou na cozinha, a acabar de beber um *Mountain Dew*, com um pé calçado e o outro descalço, enquanto enfio este na segunda sapatilha preta, quando vislumbro um lampejo do outro lado da rua. *Acende. Apaga. Acende. Apaga.* Como uma contração muscular involuntária. Um espasmo. Um esgar, um tique.

*Acende. Apaga.*

Depois para, e eu já nem sei se aconteceu mesmo ou se não passou da minha imaginação a pregar-me uma partida.

Quando vou a sair, o meu velhote está no sofá com os braços e as pernas esticados para todas as direções. Uma garrafa de uísque canadiano sobre a mesa de apoio — *Gibson's Finest* —, cuja tampa anda perdida algures entre os almofadados do sofá, ou provavelmente sob o jugo de uma palma de mão humedecida. Está a ressonar, com o peito a retinir como uma cascavel. Tem a boca aberta, a cabeça dobrada sobre o braço do sofá, pelo que vai acordar (ressacado, sem dúvida) com um torcicolo. O fedor do hálito



enche a divisão, exalando da boca aberta como se do escape de um automóvel: nitrogénio, monóxido de carbono e óxidos de enxofre expelindo para a atmosfera, enegrecendo-a. Não é bem assim, mas é como eu a imagino — negra —, ao levar a mão ao nariz para não ter de a inspirar.

O meu velhote ainda está calçado, um par de botas de couro castanho-escuro, com os cordões da esquerda desapertados, deixando um rasto ao longo da lateral do sofá. Tem o casaco vestido, uma coisa de nylon cor de abeto com fecho de correr. O cheiro fétido da água-de-colónia deixa-me adivinhar os pormenores da noite anterior, outra noite patética que teria corrido muito melhor houvesse ele tido o discernimento de tirar o anel. O tipo tem mais cabelo do que um homem da sua idade deveria ter: curto, embora farto em cima e dos lados, acastanhado e misturando-se com a sua pele rosada. Os outros homens da idade dele estão a ficar calvos, ou com o cabelo rarefeito ou completamente carecas. Também estão a ficar gordos. Mas o meu velhote não. Ele tem bom aspeto.

No entanto, mesmo com ele a dormir, vejo a derrota. É um derrotista, uma catástrofe ainda pior para um homem de 45 anos com quem o amor nada quer, e com a testa cada vez mais comprida.

Além disso, é um bêbedo.

O televisor está ainda ligado da noite anterior, a dar agora desenhos animados matutinos. Apago-o e dirijo-me para a porta, fitando a casa abandonada do outro lado da rua de onde me pareceu ter vindo luz há alguns minutos. *Acende, apaga*. É uma casa tradicional vulgaríssima, amarela, da cor dos autocarros das escolas, com uma laje de betão a fazer as vezes do alpendre, proteções laterais em alumínio, o telhado em mau estado.

Ninguém mora naquela casa. Ninguém quer morar lá mais do que deseja desvitalizar um dente ou fazer uma apendicectomia. Há muitos invernos, os tubos de água congelaram e rebentaram (pelo menos era isso que se dizia), inundando o interior. Algumas janelas estão tapadas com tábuas pregadas, que alguns

aspirantes a delinquentes grafitaram. O pátio foi invadido por ervas daninhas, asfixiando o relvado. Uma caleira pende da fachada, e o algeroz jaz inerte sobre o relvado. Não tarda, estará coberto de neve.

Não é a única casa da rua que foi abandonada, mas é esta de que toda a gente sempre fala. As causas de todas as outras casas decrepitas e esquecidas são a economia e o mercado imobiliário, a praga que se abateu sobre o valor dos nossos imóveis e que transformou o nosso idílico bairro em algo horrível.

Não foi o caso desta, todavia. Esta tem uma história própria.

Enfio as mãos nos bolsos de um blusão cinzento e ponho-me a caminho.

Hoje de manhã o lago está agitado. Ondas fustigam a orla costeira, a água a ir e a vir areia fora. Água fria. Não deve estar a mais de 2 °C. Praticamente à beira do congelamento, mas ainda não, como aconteceu no ano passado, em que o farol ficou salpicado de gelo, e a ondulação do Lago Michigan congelou em plena crispação, firmando-se aos bordos do cais de madeira. Isso foi no inverno passado. Agora estamos no outono. Ainda falta muito tempo para o lago congelar.

Afasto-me uns metros do lago para não molhar os pés. Mesmo assim, molho-os. A água jorra obliquamente a partir do lago, e as ondas têm entre um metro e um metro e meio. Se estivéssemos no verão, a época dos turistas, a praia estaria interdita por causa das correntes perigosas e do perigo para as atividades náuticas.

Não estamos no verão, contudo. Para já, não há turistas.

A vila está tranquila, algumas das lojas só reabrirão na primavera. O céu está negro. Por estes dias, amanhece tarde e anoitece cedo. Olho para cima. Não se veem estrelas; não se vê a lua. Ocultam-nas uma massa de nuvens cinzentas.

As gaiotas estão barulhentas. Perfazem círculos por cima de mim, e consigo antevê-las apenas contra o brilho trémulo do farol. O vento varre a atmosfera, agitando o lago, dificultando o voo dos pássaros. Não conseguem manter a rota. Pairam enviesadas.

Batem as asas tenazmente, mas não conseguem sair do lugar, exatamente como eu.

Cubro a cabeça com o capuz para proteger o cabelo e os olhos da areia.

Ao atravessar o parque, afastando-me do lago, passo diante do antigo carrossel. Fito os olhos sem vida de um cavalo, de uma girafa, de uma zebra. A carruagem em forma de serpente dos mares onde há meia dúzia de anos dei o meu primeiro beijo. A Leigh Forney, que agora é caloira na Universidade do Michigan, estuda Biofísica ou não sei quê Molecular, foi o que ouvi dizer. A Leigh não foi a única a partir. O Nick Bauer e o Adam Gott também partiram, o Nick para a Cal Tech e o Adam para a Wayne State, onde joga como base na equipa de basquetebol. E depois há o Percival Allard, também conhecido por Percy, que foi para uma universidade da Ivy League em New Hampshire.

Toda a gente foi embora. Toda a gente menos eu.

— Estás atrasado — diz a Priddy, com o ruído sem delonga de uma campainha a resmungar pela minha demora. Está junto à caixa registadora a contar notas de um dólar enquanto as mete na gaveta. *Doze, treze, catorze...* Não olha para mim quando eu entro. Traz o cabelo solto, com os pequenos caracóis grisalhos caindo-lhe sobre os ombros de uma blusa formal engomada. É a única que tem autorização para soltar o cabelo. As empregadas, que andam numa azáfama com os seus uniformes pretos e brancos, enchendo saleiros e pimenteiros, terrinas de natas, todas elas trazem os cabelos presos em rabos-de-cavalo, puxos ou carrapitos. Mas a Sra. Priddy não.

Certa vez, tentei tratá-la por *Bronwyn*. Afinal de contas, é esse o seu nome. É o que diz no seu crachá. *Bronwyn Priddy*. A coisa deu para o torto.

— Foi o trânsito — explico, e ela dá uma risadinha abafada. No dedo anelar, tem uma aliança, oferecida pelo falecido marido, o Sr. Priddy. Especula-se que a causa de morte tenha sido as incessantes questiúnculas dela. Se foi ou não verdade, não tenho

a certeza. Tem uma verruga na cara, precisamente no meio das esbranquiçadas rugas entre a boca e o nariz, uma verruga proeminente, castanho-escuro e perfeitamente circular, encimada por um único pelo cinzento. É por causa da verruga que todos nós temos a certeza de que a Priddy é uma bruxa. Por causa da verruga e da sua malícia. Correm rumores de que guarda a vassoura num armário trancado à chave na cozinha do café. A vassoura mais o caldeirão, e todas as outras coisas de que precisa para praticar a bruxaria: um morcego, um gato, um corvo. Está lá tudo, escondido atrás de uma porta de metal fechada à chave, embora nós tenhamos a certeza de que, de vez em quando, conseguimos ouvi-los: o miar do gato, o grasnar do corvo, o bater das asas do morcego.

— A esta hora do dia? — pergunta a Priddy, referindo-se ao trânsito. No rosto dela, porém, esconde-se algures um sorriso, debaixo da pelugem que precisa mesmo de ir à cera. Contudo, descobriu uma maneira de afastar as atenções do buço, ao desenhar sobranceiras castanhas escuras sobre pelos que deveriam ser grisalhos. A Priddy interrompe momentaneamente a contagem das notas de um dólar, enquanto eu estou ali na entrada, a despir o blusão cheio de areia. — Aqueles pratos não se lavam sozinhos, Alex — diz ela. — Toca a trabalhar.

Acho que nutre por mim uma paixoneta secreta.

\*\*\*

A manhã passa igual a todas as outras. Cada dia é uma reposição do anterior. Os mesmos clientes, as mesmas conversas, a única coisa que muda é a roupa. Escusado será dizer que o Sr. Parker, que passeia os seus dois cães (um *border collie* e um *montanhês de berna*) ao romper da aurora, é o primeiro a chegar. Que prende os cães a um candeeiro de rua e se arrasta para dentro do café, com as solas dos sapatos a deixarem à frente da vitrina pedaços de folhas e pegadas lamacentas, que eu terei de ir limpar

mais tarde. Que pede café, simples, para levar, e permite à Priddy que o convença a levar um bolo qualquer, alegando que é de *fabrico caseiro* — não é verdade —, recusando-o ele duas vezes antes de o aceitar, farejando o ar em busca do ténue odor do fermento e da manteiga, que nem sequer está lá.

Escusado será dizer que pelo menos uma empregada deixa cair um tabuleiro cheio de comida. Que cerca de metade delas se queixam da insuficiência das gorjetas. Que, ao fim de semana, os clientes da manhã se deixam ficar por aqui, sorvendo intermináveis chávenas de café e conversando sobre trivialidades até o pequeno-almoço se confundir com o almoço, altura em que finalmente vão embora. No entanto, durante a semana, os únicos clientes que ficam até depois das 9 da manhã são os reformados, ou os motoristas dos autocarros escolares, que estacionam os seus *Blue Bird* em segunda fila no parque das traseiras e passam a manhã a queixar-se da falta de respeito daqueles que estão sob a responsabilidade deles, designadamente todas as crianças entre os 5 e os 18 anos.

Nesta época do ano, não há desconhecidos. Todos os dias são iguais, ao contrário dos meses de verão, quando aparecem turistas vindos de todos os lados. Então é uma balbúrdia. Acaba-se o bacon. Um careca qualquer quer saber a composição dos croissants de chocolate, e a Priddy tem de mandar um de nós às traseiras tirar a caixa do lixo para ver. Os veraneantes tiram fotografias ao nome do café, pintado na montra da frente; tiram fotografias com as empregadas como se isto fosse alguma atração turística, um destino de topo, alardeando aos quatro ventos que um qualquer guia turístico do Michigan afirma que temos o melhor café da vila. Perguntam se podem comprar as ordinárias chávenas que têm o nome do café pintado num tipo de letra antigo, e a Priddy inflaciona o preço unitário de um dólar e cinquenta cêntimos, o preço a granel, para 9,99 dólares. Uma roubalheira.

Porém, nada disto acontece na época baixa, quando todos os dias são uma reposição do anterior, princípio que se pode aplicar

ao de hoje. E ao de amanhã. E ao de ontem. Pelo menos é como se prevê que hoje será, já que o Sr. Parker chega com os seus dois cães e pede café, simples, para levar, e a Priddy pergunta se ele não quer um croissant, o que ele recusa duas vezes antes de aquiescer.

No entanto, então, ao fim da manhã, acontece uma coisa, uma coisa *anormal*, tornando este dia diferente dos anteriores.

Meu amor,

É uma das últimas recordações que guardo de ti, os teus braços a cingir o pescoço dela, a delicada curva do seu peito encostada à tua pele através do algodão fino de uma delicada blusa. Ela era bonita, no mínimo, mas era de ti que eu não conseguia desviar o olhar — do brilho da tua pele e do fulgor dos teus olhos, da curva pautada dos teus lábios, enquanto ela os percorria com a ponta do indicador e depois encostava aos seus. Um beijo.

Vi-te do outro lado da janela. Fiquei ali, no meio da rua, sem me esconder na penumbra ou atrás das árvores. Imóvel, no meio da rua, sem dar importância aos carros que passavam sem parar. Até admira, ela não me ter visto, não ter ouvido a buzina de um carro que me mandou sair dali. Recomendou que o fizesse. Mas eu nem me mexi. Não queria que me incomodassem. Tinha mais que fazer: observar-vos a entregarem-se um ao outro num cálido abraço. E eu num rodopio de espanto e raiva.

Se calhar, tu sim. Se calhar, tu viste-me, mas fingiste não ver ou ouvir.

Era de noite, o sol acabara de se pôr quando eu encostei o rosto à vidraça e espreitei para dentro. As cortinas estavam abertas, todas as luzes no interior da casa estavam acesas, como se quisesses que eu visse. Como se estivesses a vangloriar-te, a espezinhar-me, exultante na tua vitória. Ou talvez a ideia tenha partido dela: deixar as luzes acesas para eu poder ver. Afinal, a vitória já era sua. À semelhança de um foco que ilumina os dançarinos em cima do palco, a forma como tu riste, a forma como ela sorriu,

sem que ninguém desse pela minha ausência, posto que já tinha sido substituída, como se de algum modo nunca sequer tivesse ali estado.

A única diferença era que não estavam em cima de um palco, mas sim na sala de estar de uma casa que era suposto partilharmos.

Tenho de saber: viste-me?, estavas a tentar endoidecer-me?

Muito amor,

*EV*



## ALEX

Ela tem o cabelo castanho-escuro. Mais ou menos. Um castanho-escuro que vai ganhando brilho progressivamente, de maneira que é quase loiro quando os nossos olhos lhe chegam ao fim. *Ombre*. Tem um ondulado sutil, um ondulado discreto, pelo que não sabemos se é mesmo ondulado ou se terá sido o vento a deixá-lo em desalinho, aquele cabelo que lhe fica pouco abaixo dos ombros. Cabelo castanho acompanhando os olhos castanhos, que, tal como o cabelo, parecem mudar de cor tanto quanto mais fixamente eu os olhar. Ela chega sozinha, traz calçados uns *Uggs* caríssimos. Segura a porta para dar passagem a dois tradicionais velhotes que vêm atrás dela. Recua um passo e espera que se sentem, embora não restem dúvidas de que ela foi a primeira a chegar. Permanece ali na entrada, simultaneamente vacilante e segura de si. Tem uma postura imperturbável: vertical, nada ansiosa nem nervosa, simplesmente aguarda a sua vez.

Mas o seu olhar é vago.

Nunca a vi por estas bandas, mas há anos que esperava que ela aparecesse.

Quando chega a sua vez, senta-se a uma mesa à janela para poder observar os mesmos previsíveis clientes, que entram e saem,

embora nem sequer seja preciso dizer que, para ela, eles são tudo menos previsíveis. Observo-a a despir o casacão axadrezado preto e branco. Na cabeça, traz um gorro preto de fio entrançado. Tira-o e larga-o para cima de uma cadeirinha castanha desocupada ao lado do seu saco de lona. De seguida, desenrola do pescoço um cachecol tricotado e pouso-o na cadeira também. É de pequena estatura, frágil, mas nada como aquelas modelos escanzeladas que aparecem nas revistas de moda que vejo nos escaparates das mercearias. Não, nada disso. Não é magricela, antes esguia. Mais baixa do que alta, mais magra do que não magra. Mesmo assim, não é baixa nem magricela. Só *média* ou *normal*, acho, mas também não é nenhuma dessas coisas.

Debaixo do casacão, do gorro e do cachecol, há umas calças de ganga e os *Uggs*. E um casaco com capuz. Azul. Com bolsos.

Lá fora, já amanheceu. É mais um dia nubloso. O passeio está cheio de folhas, folhas frágeis e estaladiças; as que permanecem nas árvores deixar-se-ão cair até ao final da tarde, se o vento oeste não parar de soprar. Este chicoteia as esquinas dos edifícios de tijolo vermelho, esgueira-se por baixo de um caleidoscópio de toldos, onde fica à espera da oportunidade certa para arrebatá-lo o chapéu de alguém ou surripiar pedaços de papéis de mãos enluvadas.

Parece que não vai chover. Pelo menos, para já. Porém, o frio e o vento impedirão que muita gente saia de casa, antevendo a chegada do inverno.

Ela pede café. Fica sentada à janela, a sorver da chávena de café em cerâmica, a apreciar as vistas da janela: os edifícios de tijolo, os toldos coloridos, as folhas caídas no chão. Daqui não se consegue ver o Lago Michigan, mas as pessoas gostam de se sentar à janela, não obstante, e imaginar. Está ali algures, a costa oriental do lago. Chamam-nos Harbor Country, um istmo de pequenas vilas costeiras que apenas distam cerca de cem quilómetros de Chicago, cem quilómetros que, de alguma maneira, equivalem a três estados e meio mundo de distância. De qualquer modo, é de lá que vem a maioria da nossa clientela. De Chicago. Às vezes

de Detroit, de Cleveland ou de Indianápolis. Mas principalmente de Chicago. Uma escapadinha de fim de semana, porque nada há cá para fazer que dure mais de dois dias.

Todavia, é sobretudo no verão que as pessoas vêm. Ninguém vem nesta época. Ninguém além dela.

O nosso café fica suficientemente distante da zona mais turística, localizado no extremo da vila, onde as lojas e os restaurantes dão lugar às casas residenciais. Para dizer a verdade, é uma amálgama; uma loja de recordações a norte, uma pensão a sul. No outro lado da rua pavimentada, há um consultório de um psiquiatra, ao qual se segue uma fileira de moradias. Condomínios. Uma bomba de gasolina. Outra loja de recordações, fechada até à primavera.

Uma empregada passa por mim e estala os dedos à frente dos meus olhos.

— Mesa dois — diz ela, uma empregada a quem chamo Red. Todas elas são alcunhas para mim: Red, Braids, Braces<sup>1</sup>. — É preciso limpar a mesa dois.

Mas não me mexo. Continuo a fitá-la. Também lhe dou uma alcunha, porque me parece ser a coisa certa a fazer. A mulher, a olhar fixamente pela janela, está a construir castelos nas nuvens. A sonhar acordada. Na verdade, é uma coisa importante, que aconteça algo diferente onde nada de diferente acontece. Se o Nick ou o Adam ainda por aqui andassem, e não estivessem longe, nas universidades deles, eu telefonar-lhes-ia para lhes contar sobre a rapariga que apareceu hoje. Sobre os seus olhos, o seu cabelo. E eles queriam saber pormenores: se ela é realmente diferente das banais raparigas que vemos todos os dias, as mesmas raparigas que conhecemos desde o ensino primário. E eu responderia que sim.

O meu avô costumava chamar à minha avó — que também era morena, embora durante a minha vida eu nunca a tenha visto

---

<sup>1</sup> «Ruiva, Tranças, Aparelho dos dentes.» [N. do T.]

de outra maneira senão enquanto uma massa de teias grisalhas — Cappuccetta. Alegadamente, a alcunha Cappuccetta teria tido origem nos frades capuchinhos, ou assim afirmava o meu avô italiano, alguma coisa relacionada com os capuzes que eles usavam e que faziam lembrar o tipo de café, o *cappuccino*. Pelo menos, era o que o meu avô dizia, quando olhava a minha avó nos olhos e lhe chamava Cappuccetta.

Quanto a mim, agrada-me a sonoridade, simplesmente. E parece-me apropriar-se também a esta rapariga, de cabelo castanho curto, a ambiguidade que a circunda como o capuz de um frade. Eu não sou de beber café, contudo, e por isso o meu olhar recai sobre o seu pulso delgado, cingido por uma pulseira de pérolas que parece demasiado pequena até para a sua pequena mão. Está bem apertada, e o elástico espreita por entre as esferas de cor amarelada. Suponho que lhe deixe uma marca vermelha na pele. As pérolas evidenciam desgaste nos bordos, com o brilho desvanecido. Observo-a esticando a pulseira num gesto maquinal, afastando o elástico da pele, e depois deixando que volte à posição original com um estalido. Aquele simples movimento é quase hipnotizante. Clique. Clique. Clique. Observo-a durante algum tempo, incapaz de desviar o olhar da pulseira ou daquelas suas mãos delgadas.

E é isso que me faz mudar de ideias. Decido que Cappuccetta não é apropriado. Em vez disso, decido chamar-lhe Pearl<sup>2</sup>.

Pearl.

É então que chega um grupo de religiosos, o mesmo que chega todas as semanas por volta desta hora. Ocupam a mesa do costume, uma tábua retangular onde cabem os dez. Servem-lhes jarros de café — um semidescafeinado, o outro normal —, embora ninguém tenha de os pedir. Já se sabe. Porque é assim que fazem todos os domingos de manhã: reúnem-se à mesa, conversando apaixonadamente sobre temas como *sermões* e *pastores* e a *escritura sagrada*.

---

<sup>2</sup> «Pérola». [N. do T.]

A empregada Braids desaparece durante três pausas seguidas para fumar, pelo que quando regressa tresanda ao fumo do tabaco, e tem os dentes amarelentos, enquanto enfia outra gorjeta inadequada no bolso do avental e resmunga. Um dólar e cinquenta, três moedas de cinquenta cêntimos.

Pede licença e vai à casa de banho.

O café assume então o seu carácter de regularidade, ainda que, com a presença da Pearl — a mulher do cabelo *ombré*, a olhar fixamente pela janela para as casas coloridas e para os edifícios de tijolo vermelho do outro lado da rua —, as coisas sejam tudo menos normais. Come do prato que agora foi pousado à frente dela: ovos mexidos com um *muffin* encharcado em manteiga e compota de morango a acompanhar. Uma segunda chávena de café salpicado com natas e polvilhado com um pacote de adoçante, aquela coisa cor-de-rosa, que bebe sem se dar sequer ao trabalho de se mexer. Dou por mim a fitá-la, incapaz de desviar os olhos das suas mãos, e ela leva a chávena aos lábios e bebe.

É então que a fina e metálica voz da Priddy chama o meu nome, interrompendo os meus pensamentos.

— Alex — diz, e, quando me viro para ela, vejo o seu dedo comprido e curvado, com as unhas pintadas de um tom alaranjado, a chamar-me para junto dela. Defronte a Priddy, em cima da vitrina, estão uma caixa de cartão e um copo de plástico cheio de refrigerante. Dentro da caixa, estão uma sanduíche de bacon, alface e tomate e um monte de batatas fritas ladeadas por um pickle. A mesma história de sempre. Não fazemos entregas, exceto para a Ingrid Daube. E hoje é a minha vez de ir. Habitualmente, aprecio as idas a casa da Ingrid, são uma pausa na monótona rotina do café, mas hoje não é o caso. Hoje eu preferiria ficar.

— Eu? — pergunto estupidamente, fitando a caixa.

— Sim, tu, Alex. Tu.

Suspiro.

— Leva isto à Ingrid — ordena a Priddy, sem um *por favor* nem um *obrigado*, mas antes com um austero despotismo. — Vai. —

Hesito por uma fração de segundo, com os olhos postos na mulher do cabelo *ombré*, a *Pearl*, quando a Red passa por ela e lhe enche a chávena de café pela terceira vez.

A *Pearl* já aqui está há uma hora, se calhar há duas, e, embora já tenha terminado a refeição há muito, não vai embora. Já levantaram a mesa. Já passaram uns bons 30 minutos desde que a Red pousou a conta na mesa, junto da chávena de café. A empregada já lhe perguntou três vezes se ela quer mais alguma coisa, mas ela limita-se a abanar a cabeça e a dizer que não. A Red está a ficar impaciente, ávida por abarcar outra parca gorjeta e queixar-se mal a *Pearl* decida ir embora. Mas ela não vai. Permanece junto à janela, com os olhos postos lá fora, a beber café, sem intenção aparente de sair.

Persuado-me a apressar-me e regressar antes de ela ir embora.

Porquê? Não sei porquê. Por algum motivo, quero estar lá quando ela partir, para vê-la colocar na cabeça o gorro preto, tapando o cabelo *ombré*. Para vê-la pôr o cachecol à volta do pescoço e pegar no saco de lona. Para vê-la vestir o casaco axadrezado. Para vê-la levantar-se da cadeira, para ver que direção vai tomar.

Convenço-me de que tenho de me apressar; tenho de regressar antes que ela vá embora. Repito-o para mim mesmo. Se for num pé e vier noutra, talvez a apanhe a sair quando regressar — da minha entrega para a *Ingrid*. Talvez.

Segurarei na porta para ela passar. Dir-lhe-ei: «Desejo-lhe um bom dia.»

Perguntar-lhe-ei como se chama. Questionar-lhe-ei: «Chegou há pouco tempo à vila?»

Talvez. Se me apressar.

E se não me acobardar, que é quase certo que aconteça.

Não me dou ao trabalho de vestir o casaco só para uma ida rápida ao outro lado da rua. Agarro na caixa e na bebida e passo pela porta de vidro às arrecuas, servindo-me do traseiro para abrir a porta. Quando chego lá fora, o vento quase me arranca a caixa das mãos, e é em momentos como este que gostava de ter cabelo.

Mais cabelo. Muito mais cabelo do que este corte à escovinha, que de nada serve para me aquecer o couro cabeludo e as orelhas. Também podia usar um chapéu e o meu casaco. Porém, não, estou com a farda do café: as calças de pregas baratas, a camisa branca de botões e um laçarote preto. É foleiro, o tipo de roupa com que eu preferiria não ser visto em público. A Priddy não permite uma alternativa, contudo. As mangas da camisa adejam ao vento, que fica preso sob o poliéster, insuflando-o como um paraquedas ou um balão de aniversário. Está frio cá fora, a temperatura atmosférica deve rondar os 4 °C. Os ventos gélidos são outra história. Os ventos gélidos, também conhecidos como aquilo de que todos falarão durante os próximos quatro meses. Ainda estamos em novembro, e os meteorologistas já preveem um inverno frio, um dos mais frios de que há registo, dizem eles, com temperaturas negativas, ventos gélidos nunca vistos e copiosas quantidades de neve.

É inverno no Michigan, por amor de Deus. Qual é a novidade?

A Ingrid Daube mora num chalé típico de Cape Cod mesmo em frente ao café, um pequeno chalé construído na década de 1940 ou 1950. É uma casa azul-clara com venezianas azul-escuras, um telhado com quase tanta altura quanto largura. É uma casa boa, uma casa bonita. Requintada e pitoresca, não fosse a movimentação da rua principal, que não tem movimento nenhum nesta época do ano. Está tranquila. Da janela do quarto da Ingrid no piso superior, ela tem uma excelente panorâmica para o café, e é lá onde ela está, à janela, como uma aparição, com os olhos a perscrutarem os meus, enquanto eu espero que passe um carro para atravessar a rua a correr. Faz-me sinal com a mão por detrás do vidro. Aceno-lhe em resposta e vejo-a afastar-se da janela.

Começo a subir os degraus que dão para o amplo e alvo alpendre da Ingrid, e é quando ouço o chiar estridente das dobradiças de uma porta, depois o bater da porta de entrada da casa vizinha, uma casa de campo azul transformada no consultório do Dr. Giles, o psiquiatra da vila. Ainda não passou um ano desde que mudou para aqui o consultório. Olho para o lado e vejo-o à entrada,

a despedir-se de uma paciente, antes de olhar para os dois lados da rua, com as mãos enfiadas nos bolsos, como se estivesse à espera de alguém. Será que ele a abraça? Tenho quase a certeza de que sim, um abraço desajeitado com um só braço à revelia de olhares alheios. É isso que o torna estranho. Consulta o relógio. Olha para a esquerda, depois para a direita, para os dois lados da rua. Alguém não chegou a horas, e o Dr. Giles não gosta de esperar. Parece ficar ofendido por ter de esperar. Percebo isso nos olhos semicerrados, na postura vertical, no modo como cruza os braços.

Não gosto nada dele.

A paciente que acaba de sair puxa um capuz cabeça acima, um capuz com forro de pelo de uma grossa parca preta, mas não sei se o faz para se proteger do frio ou para esconder a sua identidade. Não sei. Não consigo ver-lhe o rosto antes de ela estugar o passo rua abaixo na direção oposta. Não consigo vê-la, mas consigo ouvir. Metade da vila consegue ouvi-la. Ouço-a a chorar, um balido endoidecido que pode ser ouvido a meio quarteirão de distância. Ele fê-la chorar. O Dr. Giles fez uma rapariga chorar. Mais um motivo para eu não gostar dele.

Foi um escândalo quando o Dr. Giles estabeleceu o seu consultório na pequena casa de campo azul. Um escândalo, porque as senhoras da vila começaram a rondar o café, a andar rua acima e rua abaixo para ver quem entrava e saía do consultório do Dr. Giles: quais dos munícipes andavam no psiquiatra e porquê. A mudança propiciou aquilo que as pessoas de vilas pequenas mais detestam: a falta de privacidade.

A nossa vila é o paradigma das vilas pequenas. Temos um semáforo, e temos um bêbado local, e toda a gente sabe quem é o bêbado local: o meu pai. Toda a gente mexerica. Não há nada melhor para fazer além de atirar pedras para os telhados de vidro do vizinho. E é isso que se faz.

A Ingrid abre a porta antes de eu tocar à campainha. Abre a porta, e eu entro, limpando os pés no tapete de tecido. Ela sorri. Tem mais ou menos a idade que a minha mãe teria, se ainda cá



estivesse. Não me interpretem mal, a minha mãe não morreu (embora às vezes eu deseje que tivesse morrido), simplesmente não está *cá*. A Ingrid tem um daqueles penteados com o cabelo curto que as mulheres na casa dos 40 ou 50 anos às vezes usam, da cor de areia molhada. Tem um olhar prazenteiro. Tem um sorriso bonito, mas é um sorriso triste. Não há ninguém na vila que possa dizer algo de mau sobre a Ingrid; mas sim, antes, sobre as coisas más que lhe aconteceram. É disso que se fala. A vida da Ingrid é a definição de trágico. Uma coisa é certa, a sorte não quis nada com ela, por isso tornou-se alvo da caridade da vila, uma mulher de 50 anos que tem pavor de meter um pé que seja na rua. Sempre que o faz, tem ataques de pânico, sente um aperto no peito e fica com dificuldade em respirar. Já vi isso acontecer frente aos meus próprios olhos, mas não sei a história completa. Faça questão de não me intrometer na vida alheia; no entanto, já vi a Ingrid a ser transportada de ambulância para as urgências quando pensou que estava a morrer. Afinal estava bem. De perfeita saúde. Não passara de um vulgar caso de agorafobia, como se fosse vulgar que uma mulher de 50 anos não saia de casa por ter um medo de morte do mundo lá fora.

Não sai de casa para fazer nada, nem para levantar o correio, nem para regar uma flor nem para apanhar uma erva daninha. Entre as paredes de gesso ela está perfeitamente bem, mas fora dessas paredes a história é outra.

Apesar de tudo, a Ingrid não é maluca. É tão normal quanto qualquer outra pessoa por estas bandas.

— Olá, Alex — diz-me ela.

— Olá — respondo.

A Ingrid veste-se como uma mulher de 50 anos deve vestir-se: uma *sweatshirt* cor de laranja e calças de malha pretas. Traz ao pescoço um pendente num colar. Nas orelhas, uns brincos. Uns sapatos rasos calçados.

Antes de a Ingrid conseguir fechar a porta, viro-me para trás para dar uma espreitadela rápida. Através do vidro da montra,

antevejo a Pearl, parcialmente ofuscada pelo reflexo de quase todas as coisas que existem do outro lado da rua. É difícil perceber o que está de cada lado do vidro, por isso não é de admirar que às vezes os pássaros choquem de frente, caindo a pique e tombando para a morte sobre o betão poroso.

Mesmo assim, através do toldo de árvores e com o reflexo de meio mundo no vidro, consigo vê-la.

Pearl.

Com o olhar fixo no exterior, mas não em mim. Sigo a linha do olhar da Pearl até um letreiro pendurado na casa vizinha em suportes de ferro trabalhado: «Dr. Giles, PhD. Psiquiatra licenciado». E ali está ele, o Dr. Giles, com o seu impecável cabelo negro e estilo apumado, aguardando impacientemente a chegada de um paciente.

Diabos me carreguem. Ela está a observá-lo.

Terá consulta marcada com o Dr. Giles? Talvez. Talvez seja isso. O meu estado de espírito muda, mas não tanto que eu deixe de pensar no seu cabelo ou nos seus olhos, porque não deixo. Para dizer a verdade, não consigo pensar noutra coisa.

A Ingrid encosta a porta e pede-me:

— Podes trancá-la?

A casa da Ingrid é apequenada, mas mais do que apropriada para um morador solitário. Fecho a porta com o pé, tranco o ferrolho e levo o almoço da Ingrid até à mesa da cozinha. Em cima do balcão de mármore, está uma caixa de cartão aberta com um pequeno aglomerado de romances ao lado. Algo com que passar o tempo. Também está ali um faqueiro, com uma faca de trinchar profissional, usada para cortar a fita da embalagem.

Está ligado, o televisor, um pequeno aparelho de ecrã plano que a Ingrid não vê, embora eu consiga perceber que está a ouvi-lo. Aposto que o som dos atores e atrizes que aparecem no ecrã a ajudam a esquecer a sensação de estar sozinha. Dá-lhe a sensação de estar ali alguém, mesmo que seja virtual. É um embuste que ela aplica a si mesma. Deve de ter uma vida muito só por não conseguir sair de casa.

Tirando isso, a casa está em silêncio. Em tempos, houve o barulho de crianças irrequietas, mas agora já não. Entretanto o barulho desapareceu.

— Ia pedir-te um favor, Alex — diz a Ingrid, o que faz com que eu desvie o olhar da senhora a aparecer no ecrã do televisor. Toda a casa é branca: paredes brancas, armários brancos. O pavimento, uma madeira encerada tão escura que é quase preta, contrasta com o resto da casa. O mobiliário e a decoração são austeros, em tons neutros e cinza, não muito dados a bugigangas ou acessórios, ao contrário da minha casa, pois o meu velhote gosta de acumular quanta tralha houver e não consegue desfazer-se de nada. Não é que tenha colecionado anos de lixeira, empilhada até ao teto no meio da sala de estar, com gatos de rua a procriar em cada recanto de casa até que fique a abarrotar de gatinhos bravios, alguns vivos, outros mortos. Não, não é bem assim; não é como aqueles acumuladores de tralha que aparecem na televisão. Ele é um sentimental, todavia, do tipo que tem dificuldade em separar-se dos relatórios com as minhas notas da escola secundária e dos meus dentes de leite. Se calhar, isso devia fazer-me sentir bem. Bem lá no fundo, acho que faz.

Contudo, também me custa chegar à conclusão de que o meu velhote não tem mais ninguém no mundo além de mim. Se eu partisse, o que seria dele?

» Fiz uma lista de compras — diz a Ingrid, e, sem esperar que ela diga «Fazes-me o favor?», antecipo-me e digo:

— Claro que sim. Pode ser amanhã de manhã? — ao que ela responde que sim.

De uma janela da cozinha da casa da Ingrid, consigo ver bastante bem para o interior do consultório do Dr. Giles. O chalé dela fica mesmo ao lado, e a janela mais elevada da casa proporciona o ângulo perfeito para olhar lá para dentro. Não é grande vista, mas não deixa de ser uma vista. Enquanto a Ingrid remexe a bolsa à procura de duas notas de 20 dólares e mas entrega, consigo vislumbrar algo sombrio e vago, apenas o movimento de vultos do

outro lado do vidro. Está lá alguém. Observo fixamente, mas não durante muito tempo. Não posso. Não quero que a Ingrid fique a pensar que sou algum *voyeur*. Em vez disso, os meus olhos vão ao encontro dos da Ingrid, enfio as duas notas no bolso e digo-lhe que vou amanhã de manhã. Vou à mercearia de manhã. Já repeti essa rotina vezes sem conta.

Pego na lista, despeço-me e vou embora.

No instante em que saio da casa da Ingrid e começo a descer as escadas do enorme alpendre para o passeio, vejo.

Ninguém está à janela do café.

A rapariga foi embora.

# NÃO IMPORTA O QUÃO RÁPIDO CONSEGUIMOS CORRER... O PASSADO ACABA SEMPRE POR NOS ALCANÇAR.

Quinn Collins acorda e não encontra a amiga com quem partilha a casa na cidade de Chicago. O quarto dela tem a cama vazia e a janela aberta, e Quinn recorda-se vagamente de ter ouvido um rangido durante a noite. Esther Vaughan desapareceu sem deixar rasto. Entre os pertences da amiga encontra uma carta enigmática, assim como outros objetos que colocam em dúvida se Esther será a pessoa que Quinn julgava ser.

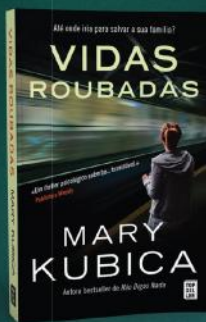
Entretanto, numa pequena cidade perto de Chicago, uma rapariga misteriosa aparece num café onde um jovem chamado Alex Gallo trabalha. Alex sente-se desde logo atraído por ela, mas acaba por descobrir algo obscuro e sinistro que porá em causa os seus sentimentos.

Enquanto Quinn continua em busca de respostas para o desaparecimento de Esther, e Alex tenta saber mais sobre a rapariga desconhecida, forma-se um enredo de ilusões que ameaça esconder uma dura e chocante verdade. Quem será aquela estranha rapariga?

«Um thriller cheio de suspense que deixará o leitor na expectativa até ao final.»

*BOOKLIST*

LEIA TAMBÉM:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-78-4



9 789898 843784

Thriller